

“Não Queimem as Bruxas, Mas que Amem as Bixas”: Bruxaria, Erotismo e Epistemologias Pagãs em Linn da Quebrada¹

Milene Migliano²

Thiago Tavares das Neves³

Escola Superior de Propaganda e Marketing – SP
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Por meio do encontro com a escuta, visionagem e rememoração de outras narrativas que fazem coro às epistemologias experimentadas por Linn da Quebrada, vamos abordar em uma intersecção entre estudos de gênero, comunicação, urbanidades, religiosidades e transgressões, as criações da artista. Clipes, músicas, entrevistas e parcerias serão aqui enunciadas de modo a apresentar outras possibilidades de vida, sonho e eroticidades para o corpo travesti, LGBTQIAP+ e feminino. Epistemologias silenciadas durante muitos séculos, aqui enalteçemos e nos aproximamos de saberes de bruxas, curandeiras, feiticeiras, sacerdotisas do século XXI.

Palavras-chave

Linn da Quebrada; bruxaria; epistemologia travesti; erotismo.

Introdução

“Diante de mictórios: fé em pele de vício/ Ajoelham/ Rezam, genuflexório/ Acordam pra cuspir plástico e fogos de artifício/ Sexo é sexo/ Tem amor e tem orgia/ Cadela criada na noite/ Submissa do sétimo dia” (QUEBRADA, 2017c). A dimensão da religiosidade e da eroticidade são marcas da existência de Linn da Quebrada, artista (artista e ativista) multifacetada (cantora, atriz, performer), travesti, preta e periférica. Linn costuma brincar com o sagrado acionando o profano e inventando um novo espiritual para sua vida. Tudo isso interpelado pela face erótica, potente e sexual. Em suas falas e em algumas músicas a cantora evoca um conhecimento pagão encarnado em sua experiência com o mítico, o mágico, o espiritual, o erótico.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio Linn, da Quebrada e das Urbanidades, do GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora e pós-doutoranda do GP Juvenália – PPGCOM-ESPM/SP, pesquisadora do GP URBESOM-UNIP/SP, do GEECA-UFRB e do GT Infâncias e Juventudes da CLACSO, e-mail: milenemigliano2@gmail.com. ³ Pesquisador do GP Juvenália – PPGCOM-ESPM/SP e do GP Marginália - UFRN, vice-coordenador do GP Comunicação e Culturas Urbanas do INTERCOM, e-mail: thidasneves@gmail.com.

O presente texto se forma na interseção entre os estudos de gênero, a comunicação, as religiosidades e as urbanidades. Linn da Quebrada será como uma chave epistemológica por meio da qual é possível iluminar o campo da comunicação através de narrativas e saberes radicados em uma epistemologia bruxa⁴, enviadescida⁵, profana, de exú⁶, erótica, travesti⁷, preta e periférica. Acreditamos e apostamos em uma abordagem *queer* decolonial⁸, impura e espiritualista para pensar o campo de estudo da comunicação.

A espiritualidade, sempre presente na vida de Linn, com o tempo foi ressignificada. A artista no passado era Testemunha de Jeová, espiritualidade institucionalizada por uma Igreja transnacional, por influência de sua tia, que a criou durante muito tempo, pois sua mãe trabalhava como empregada doméstica. Abandonou a religião, devido a sua identidade de gênero e orientação sexual dissidentes, a cantora foi desassociada⁹ do grupo religioso, reposicionada e vista como desviante, errada. Linn fala um pouco sobre isso:

Eu venho de uma criação religiosa muito rígida, eu era testemunha de Jeová, então tive o corpo muito disciplinado, domesticado pela Igreja e pela doutrinação, que me privava dos meus desejos. Era como se ele não me pertencesse. Até eu tomar o bastião de liberdade há alguns anos e me assumir (QUEBRADA, 2016).

⁴ “La bruja, como posicionalidad espiritual-política en la expresión de feminidades otras distantes de los mandatos patriarcales.” (BOHORQUEZ-CASTELLANOS, 2019, p.141).

⁵ “A ideia ao ‘enviadescer epistemologias’, além de inspiração em uma canção homônima de Linn – ‘Enviadescer’, é a tentativa de aproximação de uma interpretação (mais *queer* para a produção de conhecimento e o pensamento comunicacional, por vezes, sedimentado por epistemes generificadas e sexualizadas.” (NEVES; POSTINGUEL; GONZALEZ, 2019, p. 3). No clipe da canção, o corpo de baile de Linn dança pelas ruas, inclusive diante de uma unidade da Polícia Militar, amparadas no alambrado. Na letra da música, Linn canta “Mas, não tem nada a ver/ com gostar de rola ou não./ Pode vir, cola junto, as transviada sapatão./ Bora enviadescer até arrastar a bunda no chão!”. <https://www.youtube.com/watch?v=saZywh0FuEY>

⁶ Exú como símbolo de afrontamento à colonialidade religiosa e branca. “Exu como signo da resistência epistêmica e da identidade afro-brasileira, como aquele que inaugura outras possibilidades de (r)existência no contexto de racismo e discriminação que vivemos.” (NETO, 2019, p.7).

⁷ Uma epistemologia travesti, um saber trans encontra sua proliferação em uma ciência da guerrilha. “Fazemos uma ciência de guerrilha porque temos que minar aos poucos a ciência hegemônica que nos excluiu, adoeceu e desacreditou do valor das teorias que somos capazes de produzir. Subversivas que somos, adotamos a posição de ruir os poderes instituídos com nossos saberes, nossos corpos, nossa capacidade e das oportunidades que tivemos, para lutar por uma legitimidade científica e lugares de enunciação na academia. Somos desobedientes à norma que nos ditou a exclusão do campo científico” (BENEVIDES; LEE, 2018p. 254)

⁸ Trata-se de uma abordagem teórica transviada, marica, cujo enfoque recai sobre as vozes do sujeito subalternizado pelo sistema patriarcal e heterocisnormativo. “Decolonizar é se deprender da lógica da colonialidade e de seus

efeitos; é desapegar-se do aparato que confere prestígio e sentido à Europa. Noutras palavras, decolonização é uma operação que consiste em se desapegar do eurocentrismo e, no mesmo movimento em que se desprende de sua lógica e de seu aparato, abrir-se a outras experiências, histórias e teorias, abrir-se aos Outros encobertos pela lógica da colonialidade – esses Outros tornados menores, abjetos, desqualificados” (PEREIRA, 2015, p. 415).

⁹ A desassociação implica a exclusão da pessoa da religião. “A desassociação implica no banimento do convívio social e a perda de privilégios religiosos. (...). Muitos desassociados dedicaram boa parte da vida à Igreja e tinham a rede de amizades limitada a esse universo. Na maioria dos casos os indivíduos desassociados acabam atormentados com o sentimento desconfortável de que serão destruídos no Armagedon. Os membros associados ficam impedidos de conversar com eles e isso vale para parentes próximos. Há registros de situações trágicas como suicídios e tentativas desesperadas de reverter a situação através de ações judiciais.” (MENDES, 2012, p. 68).

2



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –
VIRTUAL – 4 a 9/10/2021

Sobre essa experiência Linn complementa na música A lenda:

Abandonada pelo pai, por sua tia foi criada. Enquanto a mãe era empregada, alagoana arretada. Faz das tripas o coração, lava roupa, louça e o chão. Passa o dia cozinhando pra dondoca e patrão. Eu fui expulsa da igreja (ela foi desassociada). Porque "uma podre maçã deixa as outras contaminadas". Eu tinha tudo pra dar certo e dei até o cu fazer bico. Hoje, meu corpo, minhas regras, meus roteiros, minhas pregas. Sou eu mesmo quem fabrico (QUEBRADA, 2017a).

É a partir de relatos como esse que procuramos através de narrativas expressas em falas, letras de música, videoclipes (audiovisuais) problematizar essa dimensão religiosa trazida por Linn como forma de acionar um saber aberrante¹⁰, periférico, travesti e mágico. Nosso recorte empírico consiste em trazer essas falas de Linn em algumas entrevistas e músicas da cantora que abordam essa temática: Submissa do 7º Dia¹¹, A lenda¹², Quem Soul Eu¹³ e principalmente Oração¹⁴, não só a letra, mas o videoclipe repleto de simbolismo religioso.

A narrativa aqui é encarada como forma de conhecimento, uma epistemologia autobiográfica e da carne. É fenômeno e método. Advogamos a volta ao sujeito como lugar epistêmico. As narrativas são dotadas de legitimidade e legibilidade epistemológica que posicionam o sujeito em primeiro plano e o inscreve na história e na cultura.

As narrativas são construções sócio-históricas. Portanto, ao torná-las parte da linguagem, o que procuram é anunciar novas formas de vida, estabelecendo esperança e consciência de que outro mundo é possível. (GRANADOS; ALVARADO; CARMONA, p.7, 2017 – *tradução nossa*).

As narrativas dos protagonistas da *música-queer*, por exemplo, não se reduzem exclusivamente à feitura e disseminação de videoclipes, mas se conectam e se referencializam nos shows e debates de que participam estas e estes cantores, nas

entrevistas que concedem, em seus canais próprios de divulgação, nos comentários e ações de seus fãs, e também de seus *haters* (ROCHA; POSTINGUEL; NEVES; SANTOS, 2020).

¹⁰ O aberrante libera potência, fornece vitalismo à existência, mesmo carregado de uma força destruidora, caótica. O aberrante é a expressão da potência ou que expõe tal potência (LAPOUJADE, 2015).

¹¹ Link do videoclipe: <https://www.youtube.com/watch?v=Kfjhie6Y5Qc>. Acesso em 27 de jul. 2021

¹² Link do videoclipe: <https://www.youtube.com/watch?v=k4DpkHftQJg>. Acesso em 27 jul. 2021.

¹³ Link do videoclipe: <https://www.youtube.com/watch?v=7P2dd1ZCZEM>. Acesso em 27 jul. 2021.

¹⁴ Link do videoclipe: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>. Acesso em 27 de jul. 2021.



Nesse sentido, tentamos construir um conhecimento radicado nas narrativas de Linn da Quebrada, localizado no ponto de cruzamento entre os estudos de gênero, o erotismo, a comunicação e a bruxaria.

A bruxaria como aposta epistemológica e contra-metodológica

O lugar da bruxa ao longo da história é o da resistência, da curandeira, do feminino, do místico, da esposa desobediente, da mulher que vive só, da feiticeira, da heresia, do proibido. É o lugar de Eva, figura mítica bíblica que come do fruto proibido da árvore do conhecimento. É figura diabólica, profana, perigosa. “A mulher na condição de bruxa foi perseguida como encarnação do “lado selvagem” da natureza, de tudo aquilo que na natureza parecia desordenado, incontrolável e, portanto, antagônico ao projeto assumido pela nova ciência” (FEDERICI, 2017, p. 366).

As bruxas, curandeiras, feiticeiras caçadas pela Igreja durante a Idade Média detinham conhecimentos sobre parto e controle de natalidade com base em suas vivências, mas a ciência branca e masculina fez questão de expurgar. Conheciam os poderes das plantas enquanto curativas, calmantes, estimulantes. Conheciam a relação da lua com as marés e chuvas, das estações do ano com os tempos de plantio e de colheita, cantavam juntas como forma de socialização e entretenimento, o que assustava todos os que não tinham contato com as diversas culturas espalhadas pelo interior da Europa, contagiadas pelas ancestralidades nômades, em diáspora e pagãs.

Vários filósofos, inclusive Thomas Hobbes, apoiaram fortemente a caça às

bruxas, como modo de consolidar a estruturação do conhecimento científico, acadêmico, tendo permissão para ser produzido apenas dentro da universidade (GROSFOGUEL, 2016). Muitos epistemicídios (extermínio de formas de conhecimento) ocorreram na história da ciência. No texto, “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI”, o sociólogo Ramon Grosfoguel ampara os argumentos elucidando a reconquista de Al Andaluz na península ibérica com a expulsão dos árabes, o genocídio dos povos originários das Américas, Ásia e África nos processos de colonização dos territórios, a escravidão e diáspora dos povos africanos e a inquisição da igreja católica como epistemicídios basilares do conhecimento científico. Os saberes desviantes: bruxa, travesti, preto, espiritual, indígena e erótico foram expurgados da história da ciência

4



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021

ocidental. Vozes foram silenciadas. “ ‘Progresso do conhecimento’ significa, em muitos lugares a matança de mentes” (FEYERABEND, 2011, p. 22).

Linn em sua fala ocupa esse lugar de saber desviante, esse lugar-bruxa, já afirmou na música Quem soul eu: “Muito prazer, eu sou a nova Eva. Filha das travas, obra das trevas. Não comi do fruto do que é bom e do que é mal. Mas dichavei suas folhas e fumei a sua erva. Muito prazer, a nova Eva. (Eu quebrei a costela de Adão)” (QUEBRADA, 2017b).

A declaração de Linn nos remonta ao livro “Le guide pratique du féminisme divinatoire” (O guia prático do feminismo divinatório), de Camille Ducelier, que acompanhado do filme “Sourcieres, ma souer” (Feiticeiras, minhas irmãs), apresenta “Um olhar sobre duas sensibilidades culturais que evitam o contato e que estão quase ausentes na França: um ponto de vista feminista radical e a clarividência espiritual.” (2011, tradução nossa)¹⁵ Para a autora, as bruxas da contemporaneidade são as pessoas que se engajam na luta pela liberdade de seus corpos associado a outros saberes para vivermos nessa terra, conclamando os saberes das ervas, processos naturais, mágicos e LGBTQIAP+¹⁶. Em 2011 talvez não houvesse uma proposta feminista radical que se associa-se aos saberes e potências espirituais. Mas em 2015, com o ensaio “Transfeminismo”, Paul B. Preciado ultrapassa tal perspectiva quando invoca além das alianças com todos os corpos que sofrem opressão, a aliança também com as redes e

conhecimentos sociotécnicos. No clipe de “Enviadescer”, assim como no de “Oração”, Linn conclama as suas irmãs de luta para performarem juntas a transmutação da realidade.

Através de suas falas, letras, a artista (re)cria uma epistemologia bruxa, calcada em sua existência, um conhecimento construído na profanação (foi desassociada, ‘expulsa do paraíso’), na heresia, nas mulheridades (como a mesma declara), na cor preta de sua pele “a minha pele preta é o meu manto de coragem¹⁷” e na sua identidade travesti, não aceita também pela institucionalidade religiosa cristã. Linn roga na música oração: “Não queimem as bruxas (Não queimem). Mas que amem as bixas, mas que amem. Que amem, clamem, que amem. Que amem. Que amem as travas. Amem as travas também (Oh-oh, oh-oh, oh-oh, oh)” (QUEBRADA, 2019b).

¹⁵ “Un regard sur deux sensibilités culturelles qui évitent les contacts et se manquent de peu en France : un point de vue féministe radical et une clairvoyance spirituelle.” Disponível em <https://www.camilleducellier.com/portfolio/le-guide-pratique-du-feminisme-divinatoire/>, acessado em 12 de agosto de 2021.

¹⁶ A sigla LGBTQIAP+ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transtravestigêneres, Queers, Intersexuais, Assexuados, Pansexuais, e mais.

¹⁷ Trecho da música Bixa Preta.



A bruxaria, o feitiço e o encantamento são potências políticas, são as vozes do feminino, de inúmeras mulheres queimadas pela Igreja durante a Idade Média. A bruxaria é o lugar da margem, margi-ANAL, da magia. É o grito contra a falocracia, contra o machismo, contra o eurocentrismo, à colonialidade do poder e do imaginário, contra a transfobia. É uma aposta na construção de outros saberes, de outros conhecimentos.

A bruxa pode funcionar como uma posicionalidade crítica, real e simbólica para as mulheres cujas obras apoiam a transformação pessoal e social. Nós nos permitimos recuperar aqui uma definição da bruxa como uma curandeira que vincula seu poder interior ao do cosmos “ouvindo seu coração, intuição, subconsciente, corpo, *corpomentespírito*, indo além sua mente racional” (BOHORQUEZ-CASTELLANOS, 2019, p.142-143 – *tradução nossa*)¹⁸

Através da sua música Linn exprime e experimenta sua religiosidade, sua relação com o sagrado e o profano:

A música quer passar exatamente o que ela passa. Um dos espaços que nós travestis somos excluídos é o espaço do sagrado, da religiosidade. Entendo que religião significa religar, conectar. Eu gosto muito de pensar que a palavra Deus é formada de “eus”. Justamente por isso, só posso acreditar em um Deus que também acredite na minha existência. Brinco seriamente com as palavras. Costumo pensar na oração indagando as pessoas: entre a oração e ereção, para

quem você se ajoelha? Para quem dobramos os nossos joelhos? Busco construir na música um espaço para que a gente repense o sagrado, como um processo de cura dos nossos corpos, de cuidar do nosso espírito (QUEBRADA, 2019a).

As dimensões sacra (oração) e profana (ereção) caminham de mãos dadas na vida de Linn, esse Deus plural que abraça sua identidade travesti é experimentado em sua existência, arte. Linn constrói sua vida a partir do erro, seu saber, seu conhecimento, sua religiosidade/bruxaria são pautadas/os no erro. Assim, traça-se uma narrativa travesti/preta/bruxa calcada na errância. Mombaça (2016; p. 343), sugere a: “Errogênese: criação pelo erro, pelas vias erradas”.

O erro, o desvio, a aberrância e a transgressão vividos na existência de Linn servem de inspiração na construção de conhecimentos outros, de epistemologias diversas, não mais nucleadas em narrativas eurocêtricas. A edificação da ciência moderna e o processo histórico de divulgação científica foram pautados na herança colonial de raízes branca, masculina, cisgênera, racional e europeia. A construção da narrativa científica ocidental excluiu o saber mítico/mágico como forma de conhecimento.

¹⁸ “*la bruja puede funcionar como una posicionalidad crítica, real y simbólica para las mujeres cuyos trabajos apoyan la transformación personal y social. Nos permitimos recuperar aquí una definición de la bruja como sanadora que liga su poder interior al del cosmos “escuchando su corazón, intuición, subconsciente, cuerpo, cuerpomentespiritu, yendo más allá de su mente racional”*” (BOHORQUEZ-CASTELLANOS, 2019, p.142-143)



Pensamos a bruxaria e o erótico como formas do contra (epistemológica e metodológica) se formos pensar em uma genealogia das narrativas científicas. O fazer bruxa é uma luta política, decolonial, contra o método (FEYERABEND, 2011) de caráter anárquico. A bruxaria e o erótico não são teorias pautadas na razão iluminista colonial, nem na racionalidade cartesiana, mas sim formas de conhecimento com ruídos, errantes, aberrantes, espirituais. Historicamente:

A mulher-enquanto-bruxa, sustenta Merchant, foi perseguida como a encarnação do ‘lado selvagem’ da natureza, de tudo aquilo que na natureza parecia desordenado, incontrolável e, portanto, antagonico ao projeto assumido pela nova ciência. Merchant defende que uma das provas da conexão entre a perseguição às bruxas e o surgimento da ciência moderna encontra-se no trabalho de Francis Bacon, considerado um dos pais do novo método científico. Seu conceito de investigação científica da natureza foi moldado a partir do interrogatório das bruxas sob tortura, do qual surgiu uma representação da natureza como uma mulher a ser conquistada, revelada e estuprada (MERCHANT apud FEDERICI, 2017, p. 366).

É nesse sentido que evocamos a figura da bruxa, da mãe de santo, da feiticeira, da sacerdotisa trazida por Linn da Quebrada no videoclipe da música Oração como uma quebra, um rompimento com a tradição colonial branca, masculina, cristã, heteronormativa, cisgênera, racional. Oração é a travessia, a encruzilhada, o entre, o erótico, o poder, o espiritual, o sagrado, o profano, experimentação, epistemes pagãs.

Oração – o espiritual e o erótico

O clipe da música Oração de Linn da Quebrada começa com um preâmbulo emblemático. Ela está de pé vestida de branco, com galhos de uma árvore seca atrás de suas costas, manuseando um facão entre as mãos. O som dos passarinhos, que a princípio parecem estar sendo captados naquele espaço, que logo se revela como uma área verde com uma ruína ao fundo, passam a compor a música que vai se desenhando. Linn começa a falar “Eu determino que termine aqui e agora”. O barulho que se segue é do facão cortando o mato, como quem abre caminho.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021

7



Figura 1 - Frame do clipe “Oração”, de Linn da Quebrada

No Candomblé e na Umbanda, a ideia da faca que corta o mal pela raiz

resplandece na imagem de Ogum, Orixá associado à arte de trabalhar o ferro, de trabalhar a limpeza do mal que se estabelece sobre os corpos. Linn continua a rogar sua praga, como nos revela entender a fala do início da canção e clipe Oração, ao final da entrevista do Tab UOL¹⁹:

eu determino que termine em mim,
mas não acabe comigo
determino que termine em nós,
e desate
e que amanhã seja diferente com elas
que tenham outros problemas e encontrem novas soluções
e que eu possa viver nelas
através delas
em suas memórias
e rogo sobre nós essa praga.

Para além de praga, como uma organicidade que se espalha, multiplica, e mesmo que energética, afeta, faz sentir e pode transformar o curso das coisas. Este curso, associado aos fatos cotidianos é de muita violência para as travestis, carma social legitimizado desde o estabelecimento do capitalismo, no século XVI. Seguindo Federici, no terceiro capítulo “o Grande Calibã, a luta contra o corpo rebelde”, quando ela apresenta os atos de violência e repressão da classe dominante aos transgressores das leis e os outros corpos que passaram a ser perseguidos e exterminados.

Também apontavam para uma transformação radical da pessoa, pensada para erradicar no proletariado qualquer comportamento que não conduzisse à imposição de uma disciplina mais estrita de trabalho. As dimensões deste ataque podem ser vistas nas legislações sociais introduzidas na Inglaterra e na

¹⁹ https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwc_HVtw

França em meados do século XVI. Proibiram-se os jogos, em particular aqueles que, além de serem inúteis, debilitavam o sentido de responsabilidade do indivíduo e a “ética do trabalho”. Fecharam-se tabernas e banhos públicos. Estabeleceram-se castigos para a nudez e também para outras formas “improdutivas” de sexualidade e sociabilidade. Era proibido beber, praguejar e insultar. (FEDERICI, 2017, p. 240).

O praguejar passa a ser proibido, associando mais um sentido transgressivo para a criação de Linn. O praguejar que transcende na voz, no discurso e na narrativa os limites impostos pelo poder dominante que institui imposições à pluralidade, à vida. Na

formulação do modo de vida capitalista, controlar os corpos, seus passos e gestos possibilitavam o acúmulo de riqueza e condições de produção mais importantes do que a “terra ou qualquer outra ‘riqueza natural’” (FEDERICI, 2017, p.248). Os seres humanos se converteram na “fonte principal de acumulação”(idem) do capitalismo, os seres controlados, vivendo sob a heteronormatividade compulsória, ou seja, relações que garantam a manutenção da reprodução da força de trabalho.

A travesti enfrenta a moralidade cristã (re)formulada pelo capitalismo, ou seja, a concepção do corpo “não apenas como uma besta inerte diante dos estímulos do trabalho, mas como um recipiente da força de trabalho, um meio de produção, a máquina de trabalho primária.” (FEDERICI, 2017, p.249). Para controlá-lo, sujeição e abjeção são as medidas adotadas como determinação às suas existências. A praga de Linn projeta uma vida na qual os problemas das travestis sejam outros, e não ainda lutar pelo direito de existir.

Esta praga que também é o começo da Oração, introduz uma eroticidade como no sentido apresentado, discutido e proposto por Audre Lorde, no ensaio “Os usos do erótico: o erótico como poder” (2019, p.67).

O erótico é um recurso intrínseco a cada uma de nós, localizado em um plano profundamente feminino e espiritual, e que tem firmes raízes no poder de nossos sentimentos reprimidos e desconsiderados. Para se perpetuar, toda opressão precisa corromper ou deturpar várias fontes de poder na cultura do oprimido que podem fornecer a energia necessária à mudança. (idem)

Um feitiço que busca quebrar o *continuum* violento, violador e mortal dos corpos das pessoas travestis. Seguindo Audre no ensaio no qual tematiza a opressão do corpo feminino em relação ao corpo masculino, única possibilidade legitimada socialmente de desenvolver sua eroticidade, o sistema captura

do nosso trabalho o seu valor erótico, o seu poder erótico e o encanto pela vida e pela realização. Um sistema como esse reduz o trabalho a um arremedo de necessidades, um dever pelo qual ganhamos o pão ou o

9



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –
VIRTUAL – 4 a 9/10/2021

esquecimento de quem somos e daqueles que amamos (LORDE, 2019, p. 69).

Assim, voltar-se para o erótico enquanto criação emancipatória dos desejos em busca de conexões entre corpo, afetações, confiança e coragem de ser o que se é realiza a superação das situações de impotência, “resignação, o desespero, o autoapagamento, a depressão e a autonegação” (LORDE, 2019, p.73). Quando Linn invoca a sua presença

na memória do futuro travesti ela determina um outro ponto de partida de sua história compartilhada: a que as faz reconhecer sua dimensão promissora de fabulação corporal e social. Na entrevista ela enfatiza que sonha com um mundo nos quais os bebês, ainda no colo, poderão ouvir dos adultos em complemento ao que criança linda, “já imaginou se ela for travesti?”.

“Entre a oração e a ereção” Linn cria sua espiritualidade, uma divindade travesti, uma deusa pagã para guiar sua vida e das suas manas²⁰:

O que eu faço com meu trabalho é sagrado, o que eu faço com meu trabalho também é profano, também é um pecado. Eu acho que aí é que está minha religiosidade, no meu ato de blasfêmea, de inventar um novo conceito de Deus. Esse Deus extremamente Cristão, eu acho que já quebrei essa imagem há um tempo para construir uma divindade Cristrans (QUEBRADA, 2019c).

Linn compartilha sua episteme religiosa com sua mana Alice Guél²¹, que também está no videoclipe de Oração. Alice em uma de suas canções ‘Deus é Travesti²²’ afirma:

Travesti nossa que estais no céu. Santificado seja o nosso nome. Alice, Cecília, Eloá, Érika, Olga, Amara, Ela, Ametista, Alicia. Seja feita a vontade das vadias. Assim na Terra como em qualquer outra esquina. A woman (A woman, a woman, a woman, a woman, a woman...). (...) Por que fizeram dela uma fera. Um preto favelado, traveco, à la gazela. Mas não tá tudo acabado, havia esperança. Ela sabia de um lugar que vendia a mudança. Mas com muita prece, joelhos ao chão. Passou noites acordada só na oração. Pela Deusa Travesti. A deusa dos corpos que querem resistir (GUÉL, 2017).

A deusa travesti de Guél e o *Cristrans* de Linn são atravessados pela eroticidade. No erótico que conecta desejos e afetos produzindo atos de aproximação dos encatamentos, criações e seduções, Linn da Quebrada prepara horizonte de expectativas que passa a lidar com um campo de experiências ampliado do que é conhecido a respeito do corpo travesti no senso comum, inclusive, de sonho. Como o que ela continua idealizando em Oração, recriando nas ruínas uma associação de encantadas que limpam, cantam, dançam, amam e sonham outros futuros. Ruínas enquanto tempo produtivo, ou

²⁰ O mesmo que irmã. As travestis se chamam entre si de manas.

²¹ Travesti, preta, cantora, compositora, modelo, multiartista, paulista.

²² Link do videoclipe: <https://www.youtube.com/watch?v=3jdoszpCb8A>. Acesso em: 27 de jul. 2021

com Maria Isabel Rocha, no qual compreendemos e aqui endossamos as ruínas “como lugares onde se encontram as condições de possibilidade para o desenrolar (rememorar, acontecer) de outras histórias e expressões culturais. Outras formas de vida.” (MIGLIANO; ROCHA, 2019, p. 1)

Depois de cortar com o facão a lembrança do mal que as aniquila, Linn performa na ruína do salão da igreja localizada naquele terreno baldio a limpeza com sal grosso de seu ambiente, afastando daquele espaço as dores que podem ter sido sentidas por corpos de outras travestis.



Figura 2 - Frame do clipe “Oração”, de Linn da Quebrada

Dores de dilaceração, de crimes violentos, de crimes de ódio. Dores que comunicam em suas peles o ódio que as imagina inexistentes na face da terra e que pode ter sido sofrido naquele espaço, como em espaços similares. Um dos casos mais conhecidos de violência aos corpos travestis é o de Gisberta²³, violentada e assassinada em uma ruína em Porto, onde vivia depois de mais de 25 anos na Europa, fugindo da violência aos corpos trans de São Paulo, onde havia nascido.

Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos.” (BENJAMIN,1987). Se "ele" no texto de Walter Benjamin se refere ao "anjo da história", o que dizer dos outros anjos, outras subjetividades, em ruínas? Quantos Angelus Novus (novi angeli) devem ser incendiados e/ou arruinados para ceder lugar a uma velha ideia de progresso [descendente do velho paradigma capital faló-eurocêntrico]? Com estas e outras questões, estaremos buscando lampejos – políticos, poéticos, estéticos – e histórias à contra-pelo, e construindo outras cidades imaginadas entre lutas, resistências, recriações ou simplesmente re(a)presentações de experiências que sofreram tentativas de serem silenciadas. (MIGLIANO; ROCHA, 2019, p.3)

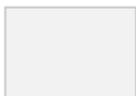
²³ O filme “A Gis”, de Thiago Carvalhaes, 2017, narra fragmentos de sua vida entre Brasil e Portugal e pode ser visto em <https://vimeo.com/210177296>.

Linn limpa simbolicamente estes lugares de violência para que eles possam vir a ser palco de outras experiências, narrativas e utopias. Com o sal grosso que derrama no chão do salão, ela invoca um outro tempo para o espaço da Igreja abandonada. As ruínas são espaço para recriar os modos de serem vistas na sociedade. O espaço religioso enaltece a dança e a música em seus corpos que cantam, se movimentam, gesticulam, se abraçam, sorriem e choram.

Espaços de ruínas, nas beiras das cidades, espaços que guardam e promovem a vida de “urbanidades dissidentes” (MIGLIANO, 2021) como as criações de grafiteiros, pixadores, pessoas sem teto e sem permissão de existir em outros lugares da cidade. Urbanidades dissidentes porque buscam ali existir a contrapelo das regras dos espaços urbanos, os quais a existência e o amor travesti são interditados de se efetivarem. Espaços que acolhem encontros fortuitos, vidas despedaçadas, sobrevivências e sonhos de um mundo no qual as epistemologias travesti e bruxa sejam conhecidas, vividas, enaltecidas e imaginadas como algo pleno de ser sonhado. “Mesmo que não nasçam mas vivem e vivem e vem” canta Linn e o coro das artistas enquanto a câmera passeia revelando um espaço cheio de luz, de graffitis, de gestos amigáveis, de passos de dança em rodas ou ao redor do piano de cauda. As janelas e portas sem vidros compõem a dimensão etérea que ganha a ruína da igreja, iluminada por vidas antes não pertencentes aquela situação de elevação espiritual daquele espaço. Linn ultrapassa os limites impostos aos seus corpos e inventa outra possibilidade de mundo com suas manas.



Figura 3 - Frame do clipe “Oração”, de Linn da Quebrada



Awoman²⁴? - Por saberes pagãos

Awoman - uma mulher. Seja feita a vontade das mulheres: bruxas, feiticeiras, curandeiras, vadias, trans, travestis, pretas, periféricas. Acreditamos e advogamos por epistemologias consideradas abjetas, narrativas dissidentes, pautadas em uma postura *queer* decolonial (PEREIRA, 2015), preta, bruxa, travesti atravessada pela dimensão do erótico. A epistemologia travesti, por exemplo, está em processo de transformação contiguamente a sua legitimação no campo de estudos na universidade. Linn da Quebrada inventa em condição de urbanidade dissidente um sonho de futuro para os corpos travestis: que elas tenham outros problemas para se preocupar, que possam viver sem medo de serem quem são.

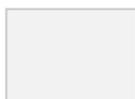
Linn traz também em suas falas, gestos, videoclipes, letras de música uma epistemologia bruxa encarnada na sua existência transhistórica, pois a sua narrativa é atravessada por outras narrativas travestis, pretas e periféricas. Esse conhecimento mágico/pagão, alicerçado em bases femininas, oferece outro olhar para a história da ciência legitimando o direito de existir a essas pessoas por meio de suas falas, de seus vídeos, de suas músicas, de suas expressões audiovisíveis. É nesse sentido que o campo da comunicação se abre e é transpassado pelos estudos de gênero, pela dimensão do erótico e pelas epistemologias pagãs (travesti, bruxa, mágica, espiritual).

Apostamos em corpos e conhecimentos dissidentes, em saberes pagãos, calcados na desobediência de gênero e na bruxaria, acreditamos em uma ciência radicada no sujeito e que seja atravessada pela experiência e por que não também na experimentação. Um saber bruxa, mágico, travesti, um pensamento cupim (QUEBRADA, 2017b) que *hackeia* o conhecimento dominante. “Me movo, morro e renasço feito capim que se espalha. Um pensamento cupim ou um vírus que contamina suas ideias. Eu vôo longe. Alto, eu vou. Mas eu volto. Longe, alto. Feito uma lenda, maldição. Um feitiço ou uma canção. (QUEBRADA, 2017b)”

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, BrunaG.; LEE, Débora. Por uma Epistemologia das Resistências: Apresentando Saberes de Travestis, Transexuais e Demais Pessoas Trans. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, 2018.

²⁴ Trocadilho feito com a palavra Amém, se traduzirmos significa (um homem), com diferença que a palavra ‘*men*’



BOHORQUEZ-CASTELLANOS, Marcela. Brujas contemporáneas: entre mundos y devenires espirituales. **Nómadas**, n. 50, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/noma/n50/0121-7550-noma-50-137.pdf>

DUCELLIER, Camille. **Le guide pratique du féminisme divinatoire**, 2011 <https://www.camilleducellier.com/book/>

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa – mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GRANADOS, Luis Fernando; ALVARADO, Sara Victoria; CARMONA, Jaime. Narrativas y resiliencia. Las historias de vida como mediación metodológica para reconstruir la existencia herida. **Revista CES Psicología**. v.10, n.1, 2017.

GROSGUÉL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Estado e Sociedade**, v. 31, n.1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

GUÉL, Alice. **Deus é travesti**. São Paulo: Independente, 2017.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. In: **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MENDES, Estavam Dedalus Pereira de Aguiar. **Quebrando as regras: um estudo sobre Testemunhas de Jeová desassociadas**. Dissertação. (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2012.

MIGLIANO, Milene; ROCHA, Maria Isabel. **Ruínas enquanto tempo produtivo: ou das sobrevivências enquanto potência do espaço**. In: Anais do XVIII ENANPUR - Encontro Nacional da Associação Nacional de Arquitetura e Planejamento Urbano, Natal, 2019. Disponível em <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anaisadmin/capapdf-sl.php?reqid=163> acessado em 11 de agosto de 2021.

MIGLIANO, Milene. Liminaridades Criativas. In **Seminário Quebras e Dobras do Urbano**, GP Comunicação e Culturas Urbanas da Intercom, org. BUDAG, Fernanda e NEVES, Thiago Tavares das. 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5IcnXT4_Fog, acessado em 12 de agosto de 2021.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Concinnitas**, ano 17, volume 01, número 28, 2016.

NETO, João Augusto dos Reis. A Pedagogia de Exu: educar para resistir e (r)existir. **Revista Calundu**, 3(2), 25, 2019. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v3i2.27476>

NEVES, Thiago Tavares das; POSTINGUEL, Danilo; GONZALEZ, Fernando. O CANTO DA QUEBRADA: aberrâncias audiovisuais, friccionalidades e transgressão do sistema. **ANAIS**

http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_5BWNVKW0CRR8OYK7EHJF_28_7349_16_02_2019_05_52_59.pdf Acesso em: 1 de ago. 2021.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 411-437, 2015. PRECIADO, Paul B. **Transfeminismo**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUEBRADA, Linn da. **A lenda**. São Paulo: Independente, 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k4DpkHftQJg>

QUEBRADA, Linn da. De testemunha de Jeová a voz do funk LGBT, MC Linn da Quebrada se diz 'terrorista de gênero'. **G1**, 12 set. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/09/de-testemunha-de-jeova-voz-do-funk-lgbt-mc-linn-da-quebrada-se-diz-terrorista-de-genero.html>. Acesso em: 17 jan. 2021. Entrevista.

QUEBRADA, Linn da. 'Um dos espaços que nós travestis somos excluídos é o do sagrado'. **O Globo**, 11 nov. 2019a. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/linn-da-quebrada-um-dos-espacos-que-nos-travestis-somos-excluidos-o-do-sagrado-1-24073699> Acesso em: 05 jul. 2021.

QUEBRADA, Linn da. **Oração**. São Paulo: Independente, 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>

QUEBRADA, Linn da. **Quem soul eu**. São Paulo: Independente, 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7P2dd1ZCZEM>

QUEBRADA, Linn da. **Submissa do 7º dia**. São Paulo: Independente, 2017c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kfjhie6Y5Qc>

QUEBRADA, Linn da. Os feitiços e os desejos em Linn da quebrada. **Uol TAB**. 20 dez. 2019c. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwc_HVtw. Acesso em: 07 ago. 2021

ROCHA, Rose de Melo; POSTINGUEL, Danilo; NEVES, Thiago Tavares das; SANTOS, Thiago Ribeiro. Comunicação e estudos de gênero: políticas de audiovisibilidade e narrativas midiáticas. **revista Fronteiras – estudos midiáticos**. v.22, n.2, p. 91-102, 2020.

